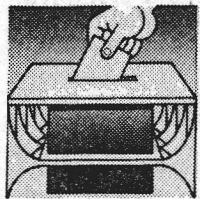


Marinho declara guerra contra Sarney

Numa conversa ríspida, presidente da Globo exige retratação do presidente da República

LUÍZ CLÁUDIO CUNHA
e ARIOSTO TEIXEIRA



BRASÍLIA — A candidatura de Silvío Santos provocou o mais estrondoso fato novo da sucessão: o rompimento entre os presi-

dentos José Sarney, a República, e Roberto Marinho, da Rede Globo. A explosão nessa antiga amizade, estreitada nos últimos cinco anos de governo, aconteceu no início da noite de quinta-feira, dia 2, depois de uma dura e áspera discussão de uma hora e meia, na biblioteca do Palácio da Alvorada, residência de Sarney.

— Você precisa convocar uma cadeia de rádio e TV e tornar explícito que não tem nada a ver com a candidatura desse camelo — ordenou o empresário Roberto Marinho, seco e nervoso, mal se contendo na poltrona que ocupava, frente a frente com seu anfitrião.

— Dr. Roberto, eu não precisei fazer isso com nenhum candidato. E não o faria com Silvío Santos — rebateu Sarney, o rosto vermelho realçando a herpes de fundo nervoso que marcava o lábio superior desde o dia anterior.

Diante do silêncio constrangedor entre os dois únicos presentes, Marinho levantou-se e, impositivo, deu um prazo de 24 horas para que Sarney convocasse a rede de cadeia nacional. Sai em seguida, indicando que a conversa estava encerrada.

Sarney ainda fez menção de acompanhá-lo, mas Marinho,



Protásio Nêne/AE - 23/10/89

Sarney: "A mágoa faz a gente perder amigos diletos"

um homem duro/mas sempre educado, desta vez nem sequer tratou de estender a mão. O presidente ainda estava em pé, só e perplexo, quando um assessor entrou na biblioteca e ouviu o primeiro desabafo do presidente: "A mágoa faz a gente perder os amigos mais diletos".

Antes de acabar o Dia de Fimados, morria a amizade dos dois diletos amigos, que sobreviveu ao fracasso de três choques econômicos. Agora, o choque entre os dois vai aparecer na tela da TV e nas páginas dos jornais de Roberto Marinho. Horas depois do encontro, os postos de comando do jornal O Globo receberam a informação oficial de que a casa estava rompida com Sarney. Roberto Marinho, até o final da semana, deverá carimbar estes novos tempos com um editorial, assi-

nado por ele, na primeira página do jornal. Na tela quente da Globo, a briga aflorou já no sábado, com uma imagem inédita no Jornal Nacional, o noticioso de 70 milhões de brasileiros e brasileiras: o candidato Fernando Collor de Mello, do PRN, em tom irado num comício na varejão de Pirituba, São Paulo, acusando o presidente de estar "envolvido em corrupção" em falcaturas, em ladroagem".

Antes de chegar a este extremo, Roberto Marinho procurou entender o envolvimento de Sarney na articulação que fabricou Silvío Santos, seu mais direto concorrente na televisão brasileira. Marinho tomou um Lear-Jet no Rio e desembarcou em Brasília antes mesmo do Boeing de Sarney, que voltava do encontro de presidentes de língua portuguesa em São Luís.



João Moraes/AE - 28/6/89

Marinho: "Diga que nada tem a ver com a candidatura"

De lá, Sarney trouxe sua herpes nervosa, com origem no estranho silêncio do Jornal Nacional em relação ao encontro dos presidentes. Sarney desembarcou intrigado, enquanto Marinho, no Alvorada, afiava a língua. Quando a porta da biblioteca se fechou atrás dos dois, o presidente da Globo disparou:

— Você me diz que não tem nada a ver com a candidatura desse camelo, mas foram os seus amigos que fizeram tudo. E isso é uma evidência da sua participação — fustigou Marinho.

— Dr. Roberto, isso é pura coincidência. Não são os primeiros, nem serão os últimos que apoiarão uma candidatura que não é a minha. Eu aceito a opção deles, porque política é também uma relação regional do político com seus eleitores.

Nem sempre é do político com a cúpula. O Lobão (senador Edisson Lobão) e o Gadelha (senador Marcondes Gadelha) são chefes políticos em seus Estados e ficaram sem alternativa de sobrevivência — defendeu-se Sarney, procurando ser afável. Dali em diante, a conversa decaiu e secou cada vez mais, apesar da água e do café servidos na biblioteca.

No domingo, depois de ter sofrido um duplo ataque do Collor no sábado — no Jornal Nacional e no horário eleitoral —, Sarney voltou do sítio do Pericumã decidido a reeditar os tempos turbulentos em que enfrentou seu adversário Vitorino Freire na política provinciana do Maranhão: "Se ele quer guerra, vai tê-la. Não sou incendiário, mas também não sou bombeiro para apagar fogo", desabafou Sarney

com um ministro. E ordenou ao ministro Saulo Ramos que pedisse o tempo na TV para responder a Collor. Desde o dia primeiro, véspera de feriado, Collor botava fogo no presidente, chamando o governo da "corrupto" no comício em Rio Claro, São Paulo. Em vários municípios, ele repetiu o ataque. Quando chegou a Piracicaba, à noite, Collor soube que o Governo não decidira processá-lo. Um dos mais indignados com ele era o ministro Leônidas Pires Gonçalves, do Exército, que estimulou Sarney a apelar para a Justiça.

Na quinta-feira, dia de Fimados, Roberto Marinho tentou localizar Collor por telefone, inutilmente. Ele saiu de Manaus cedo, e voou para Porto Velho, onde encontrou novo recado de Marinho.

Quando chegou a Manaus, Collor, em vez de ligar para o dono da Globo, reuniu-se com sua assessoria para decidir o que fazer em relação a Silvío Santos. Resolveram então usar todo o espaço no rádio e TV para um ataque frontal ao "senhor José Sarney".

Collor redigiu as quatro páginas de sua fala e, num apartamento do Hotel Tropical gravou o pronunciamento de uma só vez, sem gaguejar e sem correções. Terminada a gravação, ele voltou ao seu roteiro, voando para Macapá, Teresina e finalmente Brasília, onde dormiu, já na madrugada de sexta para sábado. Roberto Marinho havia liberado o jornalismo da Globo para mostrar no Jornal Nacional de sábado o duro ataque de Collor no comício da manhã no Varreirão de Pirituba, São Paulo. Minutos depois, surpreso mas gratificado, viu um ataque ainda mais duro de Collor no horário eleitoral. A guerra começara.